

TRABALHO DOCENTE: ALGUMAS INDICAÇÕES DE PROFESSORES DE INSTITUIÇÕES SUPERIORES PRIVADAS

Mônica Patrícia da Silva Sales¹

Laêda Bezerra Machado²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo compreender o modo como os professores concebem o trabalho docente na educação superior, analisando as atividades desenvolvidas no cotidiano de diferentes instituições particulares do Agreste de Pernambuco. A pesquisa envolveu 22 professores dos cursos de licenciaturas, que responderam a um questionário composto por questões abertas e fechadas. Os resultados revelaram que os professores sentem-se satisfeitos com o trabalho e com a profissão e veem o trabalho docente como desafiante, motivador, prazeroso e de relevância social. Ao mesmo tempo, eles destacam os diversos desafios enfrentados pelas Instituições de Educação Superior e seus profissionais, sobretudo aqueles ligados ao perfil do aluno. O quadro que se apresenta em relação ao trabalho docente é ambíguo, pois há por um lado uma sensação de bem-estar, ao mesmo tempo em que o trabalho é desafiante e limitado.

Palavras-chave: Trabalho. Docência. Educação superior.

Recebido em: 23/03/2017

Aprovado em: 06/10/2017

¹ Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru, Caruaru, PE, Brasil.

² Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil.

TEACHING WORK: SOME INDICATIONS OF TEACHERS OF PRIVATE HIGHER INSTITUTIONS

Mônica Patrícia da Silva Sales

Laêda Bezerra Machado

ABSTRACT

This article aims to understand how teachers conceive the teaching work in Higher Education, analyzing the activities developed in the daily life of different private institutions of the Agreste of Pernambuco. The research involved 22 professors from undergraduate courses who answered a questionnaire, composed of open-ended and closed-ended questions. The results revealed that teachers feel satisfied with their work and their profession and see the teaching work as challenging, motivating, enjoyable and of social relevance. At the same time, they highlight the various challenges faced by Higher Education Institutions (HEIs) and their professionals, especially those related to the student profile. The picture that is presented in relation to the teaching work is ambiguous, because there is on the one hand a sense of well-being, at the same time that the work is challenging and limited.

Keywords: Work. Teaching. College education.

Received on: 23/03/2017
Approved on: 06/10/2017

INTRODUÇÃO

O trabalho docente é uma prática social, profissional e interativa, na qual se compartilham saberes e experiências que se somam, se complementam, se transformam, sem que um ou outro seja expropriado do seu saber ou volte como chegou, desprovido de qualquer transformação.

De acordo com Tardif e Lessard (2009), o estudo da docência entendida como um trabalho continua negligenciado. Para os autores, “[...] longe de ser uma ocupação secundária ou periférica em relação à hegemonia do trabalho material, o trabalho docente constitui uma das chaves para a compreensão das transformações atuais das sociedades do trabalho” (2009, p. 17). Desse modo, os referidos teóricos procuram analisar e compreender o trabalho docente tal como é desenvolvido, conforme as representações e situações vividas e denominadas pelos próprios atores, segundo as condições, recursos e pressões reais das suas atividades cotidianas. A hipótese teórica proposta pelos autores é a de que os ofícios e as profissões de interação apresentam, devido à natureza humana do seu objeto de trabalho e das modalidades de interação que unem o trabalhador a esse objeto, características suficientemente originais e particulares que permitem distingui-las das outras formas de trabalho, sobretudo o trabalho com a matéria inerte (TARDIF; LESSARD, 2009).

O objeto de trabalho do professor não constitui matéria inerte, mas matéria ativa, protagonista, crítica. Seu trabalho é com seres humanos e para seres humanos. Além disso, ao ensinar, o professor não se expropria do seu saber, ao contrário, agrega a ele novos saberes, compartilhando-os. Nas palavras de Freire (1996, p. 23): “[...] quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender”.

O docente não deve ser um trabalhador submetido à lógica do capital, ele tem desejos, interesses e intenções políticas e ideológicas que entram em jogo na realização de seu trabalho. Logo, pode tomar, na maior parte das vezes, a decisão política de assumir o compromisso social com a promoção de um projeto de sociedade crítica, democrática e cidadã ou reproduzir o projeto sociocultural vigente.

Desse modo, não podemos sentenciar que o professor está indiferente ao conteúdo do seu trabalho e submetido ao modo de produção capitalista, pois isso vai depender de uma série de fatores, tais como: formação, condições de trabalho, crenças, valores, entre outros

fatores que implicam o modo de pensar a educação e as singularidades e subjetividades que envolvem o saber e o fazer docentes. Assim, as análises do trabalho docente não podem ser generalizáveis, é preciso um olhar aprofundado sobre o trabalho real dos professores e os contextos específicos de produção.

Situado no contexto dessa discussão, este artigo tem como objetivo compreender o modo como os professores concebem o trabalho docente na educação superior privada, analisando as atividades desenvolvidas no cotidiano docente de diferentes instituições particulares e os principais desafios para a realização dessas atividades.

METODOLOGIA

Para coleta de dados, utilizamos um questionário *online*, composto por questões abertas e fechadas, que foi respondido por professores de licenciaturas diversas, atuantes em instituições particulares de Pernambuco. O questionário foi criado com o auxílio do *Google Docs*, ferramenta que permite criar um instrumento de pesquisa, planejar eventos e votações, preparar testes para alunos ou criar formulários a partir do *Drive* ou de qualquer planilha já existente, além de registrar as respostas ao formulário. O questionário foi enviado por *e-mail* aos professores e na referida correspondência se formalizava o convite e descrevia os objetivos da investigação, bem como se estabelecia o prazo para o envio das respostas. Enviamos mais de 200 *e-mails* e obtivemos apenas 22 respostas ao questionário enviado. Para análise dos dados, lançamos mão da técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2010).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O grupo respondente encontra-se na faixa etária de 30 a 45 anos de idade, com formação predominante em cursos de licenciatura. O nível de titulação predominante é o mestrado. Sobre o regime de trabalho dos professores, observamos que a maior parte deles são horistas. Em relação ao tempo de serviço no magistério superior, observamos que o grupo participante possui tempos bastante variados: entre um a cinco anos (38,1%), cinco a dez anos (33,33%), e, dez anos ou mais (28,57%). No que diz respeito à atuação, a maioria trabalha em cursos de graduação e pós-graduação na área da educação. Ao questionarmos os professores sobre a clareza quanto às tarefas e atribuições profissionais que devem desempenhar na instituição, a maioria afirma ter sempre claras suas atribuições e tarefas. As atividades principais que

assumem são as de ensino. No que se refere ao nível de satisfação dos professores em relação ao seu trabalho e profissão, ficou demonstrado que uma grande parcela, a metade do grupo investigado, sente-se plenamente satisfeita com o trabalho.

Todavia, quando indagados sobre o nível de satisfação quanto ao alcance de objetivos e metas profissionais, mais de 60% dos professores afirmam estar apenas parcialmente satisfeitos. Quando convidamos o professor a avaliar o próprio trabalho, estamos colocando-o em situação de análise e reflexão. Nesse processo, eles buscam referências nas experiências vividas no espaço institucional, que, por sua vez, estão circunscritas à realidade cotidiana do trabalho, nem sempre plenamente favorável. Conforme Doise e Moscovici (1991), as expectativas individuais e grupais e a necessidade de reconhecimento mobilizam a participação e o esforço para tomar parte de modo significativo nas diversas tarefas prosseguidas em comum. Mais de 90% dos professores consideram bom ou ótimo o modo como são avaliados, atestando que, na maior parte das vezes, o seu trabalho é apontado como adequado e/ou coerente com o que eles próprios pensam de sua atuação. Dessa forma, há uma satisfação plena ou parcial com o modo como julgam seu trabalho e desempenho profissional.

A seguir apresentamos os resultados e a discussão acerca do modo como os professores concebem o trabalho docente e os desafios enfrentados pelas Instituições de Educação Superior (IES) e por seus profissionais na realização de suas atividades. Os dados revelaram que, por um lado, há um bem-estar docente quanto à profissão e ao trabalho; mas, por outro, muitos são os desafios enfrentados para concretização da atividade.

Definindo o trabalho docente na educação superior

Para melhor compreender a categoria trabalho, perguntamos aos professores como eles definem o exercício da docência na educação superior. Nas definições, encontramos diferentes adjetivos que sugerem um julgamento positivo sobre o trabalho docente e que no geral indicam um bem-estar. Foram encontrados os seguintes termos: *desafiador*, *instigante*, *prazeroso*, *motivante*, *gratificante* e *enriquecedor*, como revelam as respostas³ a seguir.

³ Convém esclarecer que os textos foram transcritos do modo como os professores responderam e que os participantes da pesquisa foram identificados com a letra "P" (que significa protocolo), seguida do número de referência do questionário respondido.

Desafiador e instigante (P 2).

Muito gratificante apesar de cansativo e pouco valorizado (P 6).

Prazeroso, desafiador, motivante (P 22).

Pressupomos que o próprio *status* de docente da educação superior, contribua para esse otimismo frente ao trabalho nas IES privadas, especialmente se comparado com o exercício profissional em outros níveis de ensino, em que não há valorização profissional, as condições de trabalho são precárias, e os salários muito baixos. Para Batista e Codo (2006, p. 84), “[...] o trabalho, enquanto atividade, tem sentido quando o processo de objetivação da minha subjetividade no objeto de trabalho tem um sentido positivo. Ou seja, caricaturizando, quando meu investimento tem retorno”. Desse modo, podemos dizer que, para o grupo pesquisado, o retorno é a motivação, o desafio de formar outros professores que provoca prazer e torna o trabalho gratificante.

Os professores também consideram o trabalho como socialmente relevante, destacando a responsabilidade social do exercício docente. A docência foi definida ainda como de extrema responsabilidade e demandante de qualidade, competência técnica e compromisso político com a formação de cidadãos e a transformação da sociedade.

[...] uma ferramenta indispensável para a sociedade, na formação de profissionais e/ou pesquisadores críticos e aptos para o exercício da sua função/profissão (P 19).

O poder transformador do conhecimento é um consenso social, consiste em se acreditar que a educação é capaz de modificar uma sociedade, fazendo-a progredir. No entanto, não podemos assumir uma visão romântica da educação como a única ferramenta de transformação social e tampouco os docentes como os únicos agentes capazes de realizar tal feito. Poderíamos, sim, dizer, com Freire (2000, p. 31), que “[...] se a educação sozinha não transformar a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”. Precisamos reconhecer esse potencial transformador, capaz de superar os problemas de desigualdade social. Contudo, não devemos esquecer que essa é uma opção política que requer investimento e compromisso com o desenvolvimento individual e coletivo a ser assumido socialmente. Adiante veremos as respostas dos professores ao depararem com as dificuldades e desafios para a realização do seu trabalho e desempenho geral da instituição.

Na resposta a seguir, é possível identificar a função formativa da educação superior que, de modo articulado, deverá oferecer situações de ensino, pesquisa e extensão para que o estudante universitário possa desenvolver autonomia e disciplina intelectual, senso crítico e responsabilidade social.

O trabalho docente no ensino superior ultrapassa a construção de conhecimento científico, pois também visa contribuir na formação de profissionais éticos e responsáveis com a sociedade onde atuam. Além da responsabilidade com conteúdos curriculares, o trabalho docente requer também, formar estudantes com autonomia intelectual e senso crítico aliado à disciplina e busca constante pelo conhecimento através do exercício da pesquisa (P 16).

O trecho acima enfatiza o papel docente na formação dos estudantes, na construção da responsabilidade, do compromisso e da competência profissional para planejar e gerir os processos de ensino e aprendizagem.

O objeto de trabalho do professor tem vida, pensa, age, interage e se comunica, a docência é por natureza um trabalho interativo, como analisam Tardif e Lessard (2009) e Freire (1996), o que já o diferencia de outras profissões ou do trabalho fabril. Logo, estudá-la e compreendê-la exige uma abordagem apropriada que reconheça as especificidades, complexidade e dinamicidade e, sobretudo, valorize as contradições, os contextos socioculturais, políticos e econômicos em jogo na realização e no desenvolvimento desse trabalho. A preocupação com o trabalho formativo e com o nível dos estudantes está clara nas respostas dos professores, como veremos a seguir:

Tenho ensinado em um curso que prepara o professor para a sala de aula. Preocupa-me sempre como tem chegado este profissional, pois muitos já atuam em salas de aula. O que poderia fazer a educação superior avançar em termos de metodologia, de pesquisa, é preciso tantas vezes ficar ainda no nível do ensino médio. Os alunos são carentes em todos os aspectos. O que deveria estar acontecendo na Universidade é quase sempre adiado, pois os alunos não têm alcançado o nível exigido numa universidade (P 5).

Observamos que a preocupação dos professores com o nível intelectual dos estudantes implica diretamente a realização do trabalho, uma vez que o professor precisa pensar e repensar diferentes estratégias para atender às dificuldades dos estudantes. A percepção dos professores de que os estudantes não têm alcançado o nível exigido numa instituição de

educação superior, nos alerta para a qualidade da educação básica do país, que nos últimos anos tem apresentado números alarmantes de analfabetismo que se arrastam ano a ano sem soluções.

Assim, diante das questões discutidas, identificamos que os professores se preocupam com os resultados desastrosos da educação do país e a reconhecem como uma alavanca social capaz de transformar o contexto desigual da sociedade. Há uma concordância quanto à necessidade de melhorias na educação e de realização de um trabalho competente e qualificado por parte dos professores para a formação humana, cidadã e intelectual dos estudantes.

Desafios às IES particulares e ao trabalho docente

Quanto aos desafios vivenciados nas IES particulares e ao trabalho docente, o mais importante deles diz respeito ao perfil do aluno, os demais desafios se relacionam a uma diversidade de questões que são enfrentados pelas IES particulares e por seus professores.

Na primeira categoria, *perfil do aluno*, os participantes da pesquisa chamam nossa atenção para o novo público que tem ingressado nas instituições de educação superior. Sabemos que os impactos da expansão desse setor na última década foram expressivos e, em termos quantitativos, significaram um avanço de grande proporção. Todavia, a educação superior se expandiu em números, e não em qualidade, como revelam os relatos dos professores.

Os dados do *Censo da Educação Superior* (BRASIL, 2013) demonstram que, em 2012, 30% da população brasileira na faixa etária de 18 a 24 anos frequentavam a educação superior. E em torno de 15% encontravam-se na idade teoricamente adequada para cursar esse nível de ensino. Essa tendência positiva vem ocorrendo desde o ano de 2003 e representa um avanço para o país. No entanto, os déficits dos estudantes e a dificuldade para acompanhar o ritmo universitário são graves, como indicam os depoimentos a seguir:

A consciência de que este aluno precisa ter de estar numa universidade. Não gostam de ler, estudam só para fazer provas, não sabem realizar pesquisas e por aí vai... (P 5).

Falta de comprometimento dos estudantes com as leituras e atividades propostas; não cumprimento de horários de aula, o que gera uma perda de tempo para debates e discussões acerca de temáticas relevantes para a formação dos estudantes (P 8).

O baixo nível de instrução formal dos estudantes que acessam o nível superior, a falta de interesses, as dificuldades com a leitura e compreensão de textos, bem como na realização de trabalhos e pesquisas que requeiram análise crítica ou interpretação são os desafios mais graves, segundo os professores das instituições particulares. Esses desafios têm afetado também os professores das universidades públicas do país.

Para Batista e Codo (2006, p. 61), a atividade de educar exige do educador o estabelecimento de um vínculo afetivo e emocional com o objeto do seu trabalho: o aluno. Observamos que essa relação afetiva é interdita, já que a influência do educador sobre o educando nunca pode ser completa, o que instala a possibilidade inquietante, para o docente, de perda de controle sobre o produto do seu trabalho e sobre a própria competência profissional. Se o educador se sente incapaz de trabalhar ou desenvolver de maneira satisfatória o planejamento e não consegue ter certo controle sobre o produto do seu trabalho, isso causa-lhe um sentimento de frustração que coloca à prova sua competência profissional.

Ainda sobre o perfil dos alunos que procuram os cursos de Pedagogia e as demais licenciaturas no Brasil, faz-se necessário pontuar alguns elementos. Discutir profissão docente na contemporaneidade requer que consideremos os desafios que se colocam para a profissão, como a questão da atratividade, da carreira, da permanência de bons professores na sala de aula e da qualidade social do trabalho desenvolvido pelos docentes. Especial atenção deve ser dada à atratividade da profissão tendo em vista o que apontam as pesquisas recentes na área, como é o caso da que foi realizada em 2009, pela Fundação Victor Civita (FVC) em parceria com a Fundação Carlos Chagas (FCC). Essa pesquisa revelou que apenas 2% dos jovens que cursam o 3º ano do ensino médio pretendem cursar Pedagogia ou alguma licenciatura. No estudo, foram ouvidos 1.501 alunos em 18 escolas públicas e particulares de oito cidades (GATTI *et al.*, 2009). Tais dados são reveladores da falta de prestígio social e de valorização da profissão docente na sociedade.

Em investigação que realizamos sobre o perfil dos alunos do curso de Pedagogia de uma IES particular e tradicional na cidade de Caruaru-PE, constatamos que os estudantes que procuram o curso de Pedagogia são prioritariamente do gênero feminino e com renda de até três salários mínimos. Mais de 80% são oriundos de escolas públicas, moram em áreas rurais das cidades circunvizinhas ao município e são filhos de pais e mães que em sua maioria concluíram apenas a escolarização fundamental; 75% já atuam na docência ou em áreas afins e têm idade entre 18 e 23 anos. Sobre as razões que levaram à escolha do curso, os estudantes elencaram como

os maiores motivadores o amplo mercado de trabalho e a empregabilidade, a identificação com o curso e a busca por aperfeiçoamento profissional (SALES; SILVA, 2016).

Foram identificados ainda outros desafios enfrentados pelas IES particulares e por seus professores, tais como: manutenção da qualidade frente a fragilidade nas condições de trabalho, ausência de autonomia e dificuldades de comunicação interna, bem como o excesso de tarefas, a pressão para publicação e as dificuldades em articular as atividades de ensino, pesquisa e extensão. Constituem desafios também a falta de entrosamento entre os docentes e o isolamento das áreas, fatores que fragmentam a estrutura curricular e, por consequência, a formação ofertada.

Vejamos algumas das respostas nas quais são identificados os desafios:

Alunos e alunas trabalham o dia inteiro e chegam cansados e desmotivados em sala. Logo, dinamizar o trabalho para atraí-los é um grande desafio (P 10).

Fragilidade na oferta de satisfatórias condições de trabalho para seus docentes; o despreparo dos estudantes em relação às exigências da vida acadêmica (especificamente, ensino anterior com muitas lacunas); as condições socioeconômicas dos estudantes (por exemplo, tendo que conciliar estudo com trabalho remunerado) (P 1).

Como vimos, a maioria dos estudantes das instituições particulares trabalha e frequenta cursos no período noturno. Em geral são alunos que chegam cansados e desmotivados às salas de aula. Por isso, há a preocupação dos professores em dinamizar as aulas para motivar os estudantes e superar os índices de evasão. Assim, estimular os alunos e envolvê-los em atividades de pesquisa e extensão constituem desafios ainda maiores, como ilustram as respostas, a seguir:

Encontrar e estimular o maior número de discentes para participação em ações voluntárias, especialmente nos âmbitos da pesquisa e extensão. Articular as atividades de ensino, pesquisa e extensão e estimular os discentes para o engajamento em ações extracurriculares (P 19).

Mesmo que não seja atividade precípua das faculdades particulares desenvolver simultaneamente as tarefas de ensino, pesquisa e extensão, algumas instituições têm buscado a realização dessas atividades. Contudo, as dificuldades são ainda maiores que no

setor público, uma vez que não há financiamentos para o desenvolvimento dessas atividades, sendo a participação dos alunos voluntária. Além disso, nem sempre os estudantes possuem disponibilidade para participar já que, na maior parte das vezes, são estudantes trabalhadores.

Os professores também destacam a expansão das instituições privadas como um desafio às IES tradicionais da região e questionam a qualidade dos cursos oferecidos. Segundo os docentes, os estudantes são atraídos pelos preços e facilidades e pela possibilidade de aliar tudo isso a um ensino à distância, evitando gastos com deslocamentos.

Um ensino básico com sérias fragilidades e o grande número de IES no mercado sem o mínimo de qualidade na oferta de seus cursos, notoriamente àqueles oferecidos à distância (P 7).

A aparição de instituições com qualidade inferior e que atraem por seus preços e facilidades (P 2).

Outro destaque foi dado nas respostas à postura autoritária das instituições, ao clima de insegurança e à ausência de autonomia nas tomadas de decisão. Os professores demonstram que se sentem pouco à vontade para criar e inovar, uma vez que estão submetidos a essa lógica autoritária, que não lhes garante autonomia, mas adesão e submissão ao já instituído.

No caso da faculdade em que atuo o maior desafio é a relação da instituição com os professores, que mantém uma postura autoritária que gera insegurança. Realizei uma gincana há um ano e todos os assuntos foram estudados, a carga horária cumprida e o plano pedagógico, e recebi uma advertência da faculdade, sendo chamado posteriormente de estrela. Alguns professores já se demitiram por conta de atos como esse, e os professores, tomando conhecimento, acabam por desenvolver uma ensinagem “jesuítica”. Portanto, o maior desafio é manter a confiança e segurança para poder desenvolver um bom trabalho, criativo e inovador (P 1).

Esse clima de insegurança e insatisfação entre o que eles gostariam de fazer e o que realmente fazem se constitui como um grande desafio, pois afeta, além da autonomia, a autoestima, uma vez que não obtêm a valorização e o reconhecimento desejado pelo esforço empreendido nas atividades de trabalho. Sobre essa questão, Batista e Codo afirmam:

Acreditamos que: quanto maior for a defasagem entre o “trabalho como deve ser” e a “realidade do trabalho” nas escolas, maior será o investimento afetivo e cognitivo exigido ao professor, maior será o esforço realizado, e, por isso, maior será seu sofrimento no

cotidiano do trabalho. Esse sofrimento tem sentido para o trabalhador quando seu saber e saber-fazer, que foi constantemente interpelado durante a atividade de trabalho, deu lugar a um reconhecimento e autorreconhecimento da sua competência profissional. Inclusive, além dos resultados alcançados, quando seu esforço foi reconhecido, significando que seu trabalho foi pleno de sentido (BATISTA; CODO, 2006, p. 85).

Esse é um grande e complexo desafio, lidar com a defasagem entre o trabalho prescrito e o trabalho real. O reconhecimento pelos pares e o autorreconhecimento profissional da competência são o que dá sentido ao trabalho. No momento em que o professor perde o controle sobre o próprio objeto de trabalho e sobre os resultados, tem dificuldade de identificar o sentido do que faz, o que provoca sofrimentos psicossociais e desgaste emocional. Todavia, se o esforço empreendido e o sofrimento sentido valem a pena, proporcionam resultados positivos, o professor tende a sentir-se recompensado e satisfeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, buscamos compreender o modo como os professores concebem o trabalho docente na educação superior, analisando as atividades desenvolvidas no cotidiano desses profissionais de diferentes instituições particulares e seus principais desafios na realização das atividades de trabalho. Os resultados revelaram que os professores se sentem satisfeitos com o trabalho e com a profissão, em contrapartida veem a prática docente como desafiadora e ao mesmo tempo motivadora, prazerosa e de grande relevância social. Detectamos que os professores estão preocupados com os resultados desastrosos da educação do país e a reconhecem como uma alavanca capaz de transformar o contexto desigual da sociedade. Eles destacaram a necessidade de melhorias na educação e de realização de um trabalho competente e qualificado para a formação humana, cidadã e intelectual dos estudantes.

Quanto aos desafios profissionais, os docentes consideram que o perfil do aluno, o baixo nível de instrução formal daqueles que acessam o nível superior, a falta de interesses, as dificuldades com a leitura e a compreensão de textos e a realização dos trabalhos acadêmicos e pesquisas que requeiram análise crítica ou interpretação são os desafios mais graves que eles vivenciam nas instituições particulares.

Além dos desafios citados, os professores enfrentam dificuldades na relação com os colegas de trabalho devido ao isolamento e à fragmentação das áreas de conhecimento, o que torna a atuação pouco cooperativa. Também enfrentam dificuldades com a instituição no que diz respeito ao autoritarismo, a precarização e intensificação do trabalho. Além da dificuldade para articular as atividades de ensino, pesquisa e extensão. Os resultados apontam para um quadro ambíguo, no qual se desenha a seguinte situação: se por um lado há uma sensação de bem-estar, ao mesmo tempo é desafiante e limitado o trabalho do docente. Logo, os professores concebem o trabalho como motivador e desafiador, prazeroso e relevante, mas apontam que requer muita dedicação, empenho, responsabilidade e disponibilidade. Consideramos importante que outras pesquisas busquem compreender melhor esse quadro dúbio no qual está situado o docente que atua na educação superior, assim como suas condições de trabalho, salário e carreira.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, LDA, 2010.

BATISTA, A. S.; CODO, W. Crise de identidade e sofrimento. In: CODO, W. (Org.). *Educação, carinho e trabalho*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 60-88.

BRASIL. *Censo da Educação Superior*. INEP/MEC, 2013. Disponível em: <portal.inep.gov.br/web/censo-da-educacao-superior>. Acesso em: 18 nov. 2015.

DOISE, W.; MOSCOVICI, S. *Dissensões e consenso: uma teoria geral das decisões coletivas*. Tradução de Maria Fernanda Jesuino. Lisboa: Livros Horizontes LDA, 1991.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GATTI, B. A. *et al.* Atratividade da carreira docente. *Estudos & Pesquisas Educacionais*, São Paulo, Fundação Victor Civita, n. 1, p. 139-211, maio 2009.

SALES, M. P. S.; SILVA, W. R. Razões e expectativas da escolha profissional docente: o curso de pedagogia em foco. *Revista Formação Docente*, Belo Horizonte, Editora Autêntica, v. 9, n. 15, p. 129-147, ago./dez. 2016.

TARDIF, M.; LESSARD, C. *O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

Mônica Patrícia da Silva Sales

Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru e especialização em Gestão da Escola e Coordenação Pedagógica pela mesma instituição. Mestre e doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru.

monicasalesprof@gmail.com

Laêda Bezerra Machado

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará (1991), mestrado em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (1997) e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2003). Atualmente é Professora associada 2 da Universidade Federal de Pernambuco, no Departamento de Administração Escolar e Planejamento Educacional.

laeda01@gmail.com